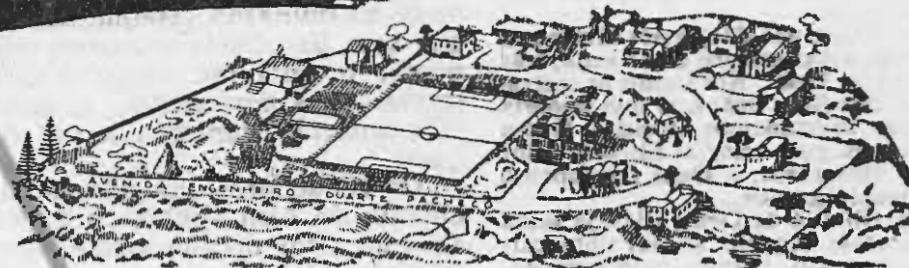




# Gaiato



Visado pela  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º 191  
Preço 1\$00

## CONTRASTES

Não há nada que mais entre pelos olhos dentro do que o contraste. Ele faz sobressair; ele evita a palavra. Diante do contraste só o silêncio. Um dos felizes habitantes das novas casas, ficou muito contente ao saber que também ia ter o uso dum pequeno terreno adjacente; e logo me disse os seus propósitos. Ia plantar uma cerejeira, ia plantar uma figueira e também videiras. Os olhos riem-se. A boca falava. As mãos apalpavam a casinha que dentro em breve ia ser o seu tesouro. Eu estava. Aqui, explica o novo habitante, vou fazer jardim. Um jardim! Os pobres gostam das plantas. Os pobres gostam dos frutos. Os pobres amam as flores. Na casa aonde dantes morava, este pobre tinha dentro de si as mesmas altas e naturais pretensões; tinha sim senhor. Mas não as realizava. Não tinha uma casa. Por amor desta verdade e sem fazer poesia, eu convido hoje os portugueses que podem, a fazer na sua Pátria uma sementeira de plantas de frutos e de flores. Como? Colocando o pobre em condições de exercer a sua vida natural. Plantas, frutos e flores. Aqui vou fazer jardim. Não quero dizer que isso seja verdade, mas, vistas as coisas pela rama, fica-se com a impressão de que as maiorias fazem gosto de alimentar e conservar o pobre na sua condição, tendo para isso na ponta dos dedos e a toda a hora, o tostãozinho... Erguer não. Ora nós estamos a erguer o pobre. Melhorar a sua condição, dar-lhe o uso dumha casa. A estas realidades tão belas e tão humanas, eu quero juntar hoje uma pontinha do Divino. Deus existe. Foi o caso que um destes pobres, morto por sair da casa aonde morava, não queria, contudo, ir para longe dela. Re-

zou. Pediu ao Senhor que tocasse no coração dos homens, depois do que foi pedir aos que tinham terras ali perto a esmola de uma nesga para implantar uma casa. Isto é teologia. Pedir a Deus, sim, mas por meios humanos. Deus não faz milagres; não os quer fazer sem o nosso concurso. Este pobre pediu a Deus e a seguir veio humilhar-se e confundir-se na presença do seu semelhante. Três disseram que não e um disse que sim. O pobre foi servido. Está como quer, aonde quer.

Plantas, frutos e flores! Ao pé dos pardelheiros que tu aqui vês, se alguma árvore cresce, é por força da natureza, que não pela sua mão, muito menos pelo seu amor. Ele não ama. Não tem casa. Superta a vida e nada mais. Os Pobres! Pois bem. Não vás hoje para a cama sem um exame de consciência muito sério. Se podes e não queres, é um pecado que fazes. Eu fico à espera...



DANTES. O mal todo consiste no erro grave em que temos vivido, supondo que estas casas são suficientes para o uso de criaturas semelhantes a nós...!

## AGORA

uma telha de vinte. Eu vou aqui publicar a carta do Negus; ela vai fazer bem a muita gente:

Como tenho uma situação difícil a resolver por falta de dinheiro, pois não tenho rendimentos; sou apenas comissionista e não tenho feito negócio, resolvi enviar-lhe esta pequena importância para uma telha e espero que Deus me ajude mais uma vez, pois assim tem sido das mais que me tenho encontrado em identicas situações; tenho fé.

Mais 20 do Porto. Um senhor de Torres Novas leva na mão um azulejo de duzentos escudos. Por azulejos, eu preciso dumha placa não sei ainda bem de quê, com as letras: Património dos Pobres, que desejo colocar em cada muro das casinhas. Quem me dá uma sugestão: metal? Mármore? Louça? Pedra? Agora esta carta maravilhosa, maravilhosa, maravilhosa:

Tive a dita de conseguir, com as economias de muitos anos, comprar uma casinha que habito há 4 dias. Comparando a minha satisfação com a dos que possam vir a beneficiar das casas que se propos mandar construir, cheguei à conclusão de que devo ajudá-lo com as minhas magras posses. E assim envio nesta 100\$00 para uma telha e oxalá que não se extravie.

É um noivo. Casou-se há quatro dias com uma sua casinha, quer que os pobres comparticipem das suas nupcias, que vivam o seu novado. Esta segunda procissão do Gaiato faz gemer e faz tremer...

Narciso de Reguengo Grande leva na mão uma telha de 20\$00. Um vendedor do jornal no Porto, trouxe-me cem deles. Um senhor do Porto enfileira na bicha pra construção das casas, com 300\$. Se por bicha se entende a multidão que espera vez, eu quisera que em lugar dos pobres à espera dumha casa, houvesse antes a bicha dos ricos com desejos de as construir.

### Ficamos em 73.460\$00

Nós precisamos de mil e duzentos contos e havemos de os receber aos nadinhos. Que ninguém duvide. Com a alegria do pobre, com a benção do povo e com a justiça de Deus, as casas hão de emergir, pequeninas e humildes, em oração fervorosa e eloquente, a tocar no coração de todos quantos as virem. Ninguém tenha medo. Ninguém duvide.

## TRIBUNA DE COIMBRA

«Vinde, ó pai dos pobres; distribuidor de todos os dons...»

E' este o grito da Igreja na sequência da Missa do tempo do Espírito Santo. E' o *Consolador* da última vez. Deus é quem dá. Só o Catolicismo chama a Deus o doce nome de *Pai*. Que mistério de amor! Que família nobre! Deus ser nosso *Pai*!...

Tudo o que nos dão, e nós vivemos e queremos viver sempre desta sorte, trás o carimbo: Deus. Nós somos os instrumentos nas Suas mãos. O que importa é sermos instrumentos afinados. E só o que damos por amor a Ele tem valor para a eternidade; e Deus recompensa pela medida grande...

Esta Obra é de Deus; aliás, já tinha desaparecido. Aquele senhor tinha caradas de razão quando escreveu: *chamam por alcunha, obra do P.º Américo a uma Obra de Deus*.

Ninguém aqui nos dá nada por vaidade: anda sempre a mão escondida para só Deus aparecer. *Venho enviar-lhe com os meus cumprimentos a senha da louça para a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, com o pedido de não fazer qualquer referência a esta oferta, pois assim poderá ter qualquer valor. Tudo o resto nada vale...*

Tenho que guardar silêncio!...

E bolos de visitantes; e vinte e não interessa o nome; e cincuenta na rua; e o mesmo deixado no Castelo; e este cartão a acompanhar a encomenda: *visitei o vosso Lar e resolvi mandar esse pano. Soube que vos tinham oferecido um bocadinho. Aí vai o resto para as camas de um dos dormitórios, o que tem as chitas já muito acabadinhas. Se todos cá viesssem ver, diziam que tinha razão para pedir: muito acabadinhas. E então a respeito de cotim, não se fala. As calças já não têm por onde se lhes pegue; vinde ver se tenho ou não tenho razão. E vinte e orações por uma intenção particular; e idem de visitantes; e mais 52\$00 do mesmo modo; e as meninas do Colégio «Progresso» que deixaram cento e cinco. De Coimbra.*

E muitos retalhinhos e este bilhete: *meus filhos, também já têm calor; antes de começar pelos de casa, começo por esses, que também devem ser meus. Uma oração para que meus filhos sejam de boa alma e bellissimo coração, dividindo sempre o pouco que têm, por outros que tenham menos... ou nada. Uma mãe amiga.*

Que admirável poema! Só Deus pode inspirar tal... E dois retalhos de pano para colchas de Viseu. Já nos deram para sete; falta só para setenta e sete; mas não temos pressas. Tudo virá a seu tempo! Até o cotim!...

E um amigo que visitei e *tome lá para os seus rapazinhos*; eram cincuenta. E uma mesa de ping-pong e roupa para a nossa capela, da Praia da Granja. Faltam só as bolas. E dois caixotes de videntes da Marinha Grande e a dizer... *não possam sentir pelo menos a falta de terem por onde beber. E o peditório na igreja do Seminário que deu meia nota das grandes.*

E eu que fui fazer o peditório à igreja das Carmelitas. Terá parecido descabida a minha ida ali: pedir numa igreja de pobres, que vivem também da Caridade... Pois fui lá pedir e levava uma grande esperança e regressei muito consolado. *A Obra da Rua*, por ser da rua, é de todos. E' de todos. E' de Deus. Tudo o que nos dão é uma permuta: são orações por intenções particulares, são pelas almas, são por conversões, são para alcançar graças, são por tudo. Ali fui fazer um pedido especial: pedi que rezassem pela Obra e pelos Benfeiteiros.

O Sr. D. António, de saudosa memória, quando foi da reabertura daquela igreja afirmou bem alto: *esta casa é o para-raios da cidade de Coimbra*. Eu acredito; sentimo-nos ali à beirinha de Deus; ali há vida alta. E por isso eu fui lá pedir. E elas prometeram rezar muito por nós todos.

E' com muito gosto e muito prazer que trago a público esta notícia: as orações da *Obra da Rua* estão confiadas às Carmelitas. Agora andamos mais aliviados: foi um peso que deixamos. Agora já podem pedir. Louvemos a Deus!

Além deste tesouro ainda cairam na nossa saca para cima de quatro notas de cem. Ninguém diga que é pouco. Vale mais aquilo que se não vê.

E o peditório na Sé Nova deixou-nos muitas lágrimas e vinte e quatro notas das médias nos nossos Bancos e mais uns tostões.

E em Santa Cruz no último domingo contamos muitas admirações e quase seis contos.

«Façamos um tesouro no Céu»

PADRE HORÁCIO

## A Venda do Jornal

Andou aqui uma interessante manobra de alguns, a ver se tiravam a camisola amarela ao Abel. Era o Risonho. Manuel Risonho prestou-se, aceitou colaboração de alguns e lançou-se com toda a fúria na quinzena. Meteu, ainda, um seu particular amigo na empreza, o qual lhe comprou onze jornais, mas nem assim. A camisola amarela continua a ser de quem é.

Os vendedores que não vão às cidades do Alto Minho, chegam a casa na tarde do domingo em que vendem. Ontem vi-os surgir ao fundo da quinta e com eles a figura esguia de um sacerdote. Trata-se de um monge beneditino do mosteiro do Rio de Janeiro, aonde fui hóspede quando lá estive. Presidente vendia no largo do Carmo quando aquele senhor se aproxima e lhe dirige a palavra. Conversaram. Presidente mostrou desejos de o receber aqui na aldeia. O monge beneditino nunca

### CARTA ABERTA AO SENHOR HORÁCIO DO BRASIL

Muito saudar. Sua esposa e filhos, estão sempre presentes no meu esplírito. Da casa em Bota fogo e horas deliciosas que ali passei, só nem se fala. Recebi em devido tempo, pelo nosso amigo Martins, as três malas cheinhas. Não houve demoras na Alfândega. Nada pagou direitos. Tudo nos foi entregue.

So por muita devoção; sem ela é impossível fazer-se o que o meu amigo tem feito a bem da nossa Obra e na roda dessa dúzia de portugueses de lei. Isto de andar porta em porta com o chapéu na mão a pedir coisas e a encaixotar e a conduzir para o cais e a fazer embarcar — só por muita devoção.

Eu acho que me não fica nada mal fazer aqui um requerimento à direcção do *Sarrabulho* o qual requerimento o meu amigo fará o especial favor de assinar e entregar. É uma casa. Trata-se de uma casa. Em uma das próximas reuniões daquela ilustra colectividade, aonde é costume falar e comer à moda de Portugal; nessa altura digo, o meu amigo Horácio levanta-se, toma a palavra e diz. Diz e diz e diz. No final e enquanto tudo está muito quentinho, o meu amigo Horácio, que vai munido de uma folha de papel, racha da caneta e desata a escrever nomes. Apenas chegado aos doze mil cruzeiros, não escrevia mais. Recebe eles. Quando tiver o dinheirinho na sua algibeira, faz com que seja portador dele o primeiro seu amigo que venha para estes sítios. Não converta. Quanto a mim, vou já começar a erguer a casa do *Sarrabulho*.

O meu amigo Horácio falando aí comigo, disse-me que muito tinha gostado de ter vindo a Portugal e dado com muita coisa boa que dantes cá não havia. Pois muito bem. Um dia que regresse, terá ocasião de ver todas as coisas boas e mais esta que também dantes não havia: Um Património dos Pobres.

O Fafsa é quem está escrevendo. Eu digo. A minha cabeça não dá para mais. Com muitas saudades e felizes recordações termino estas regras e espero deferimento.

esteve em Portugal; não sabia nada de nada. Mas Presidente sabe tudo de tudo e o caso é que nesta hora em que escrevo, temos o nosso querido amigo do Mosteiro de S. Bento, instalado portuguêsmente numa casa dirigida por rapazes, coisa que ele nunca viu na sua terra natal.

Ao Sinfães, deram quinhentos escudos por um jantar. O rapaz mete a nota na algibeira e desanda. Logo adiante, um repara na nota quando ele, juntamente com outras, tira da algibeira para um troco. O senhor ficou assustado, mas o rapaz não senhor. Ele tem recebido assim outras maiores. Mas o senhor continua assustado. O rapaz poderia correr o perigo de deixar cair a nota. Ele precisa dar ao caso uma solução; e deu. Como? Com estranha simplicidade. Ora leiam; toma a sua carteira; uma carteira nova, artística, comprada em Espanha, segundo informa Sinfães. Vai se a ela e remove de dentro tudo quanto ela continha. Toma das mãos do Sinfães a nota de quinhentos. Guarda-a no mais profundo esconderijo, entrega-a ao pequenino vendedor com recado de a deixar ficar na próxima quinzena, nas mãos do gerente do Café Imperial. Eu podia fazer a entrega, pois que a tenho aqui na minha mão. Mas não faço. Não quero interferir; não quero macular Quero respeitar o carinho, a confiança deste homem adorável da cidade do Porto. Dentro da carteira, escrito pelo seu punho, vem o nome dele: José Ferreira. Monte da Mira. S. Mamede de Infesta. Matozinhos.

Os vendedores de Famalicão e de Braga e de Guimarães e de Viana, desfazem-se em notícias: tudo boas notícias. O Abel foi desta vez quem mais disse; ele vinha de Viana. Conta-me que ele e mais Tangerina, comeram em casa do senhor Doutor Oliveira. Que ele é médico. Que é uma casa muito grande dentro de uma quinta muito grande. Que eram dois filhos e uma filha e duas senhoras de fora. Que foi arroz e batatas assadas e vitela e ervas. Aqui o Abel explica-me que não é erva das nossas vacas; é uma erva que leva manteiga e muitas coisas; não me tendo ele sabido dizer que coisas são. Abel fez-me queixa do Tangerina; que este bebe muito vinho, que bebeu dois copos de e; que mal os senhores oferecem ele diz logo que sim. E disse-me que isto é muito feio e que eu preciso de o chamar a contas. Mais me disse o Abel que para ir ali comer, o senhor doutor teve de ir pedir licença ao Zé Rancheiro, *a gente não vai comer fora sem ele dar licença*. Por último, Abel, pucha o embulho que trazia dentro da saca; era uma bola; uma bola de cátara. Ora eu venho aqui pedir ao senhor Doutor Oliveira e a todos os senhores doutores de Portugal e do Algarve, que não tornem a fazer outras se alguma vez o fizeram; nem o façam nunca, para o futuro, depois deste meu aviso. Bolas de cátara! Quem pode aturar?

**PROPAGAI**  
**«O GAIATO»**  
Angariando novos assinantes

## Campanha dos cinco mil

Não é tudo no mesmo dia, mas a verdade é que não tem vindo um ao mundo que não traga listas de nomes, desde que o movimento começou. De sorte que podemos continuar a afirmar de que a meta vai ser atingida. Avelino não vence. Avelino tem posto à prova o seu esplêndido sentido de organizador metódico, seguro e moderado. Ele não vence. Expedindo, como vem fazendo um ror de nomes por dia, ele tem à sua frente, sobre a sua mesa de trabalho, um grande monte de novas listas à espera de vez. O Manuel Pinto, que esteve mais dum ano no sanatório de Gala, foi nomeado ajudante do Avelino e está trabalhando na expedição. Avelino, tem exercido grande vigilância sobre o Piolho de forma a impedir que ele entre no seu escritório a bem dos futuros leitores...

Chegam listas da América do Norte. Chegam listas do nosso Ultramar. Chegam listas do Brasil, não só do litoral, mas também dos Estados do interior, aonde se contam por meses os dias da entrega do famoso. Chegam cartas de várias nações da Europa. Chegam cartas das Repúblicas da América Central. Aonde quer que haja um núcleo de portugueses aí chega o nosso jornal. Eles dizem que os gaúchos os fazem chorar e rir; e com isto dizem tudo; dizem quem são e o que querem: chorar e rir. Isto é a vida: chorar e rir. Eu também sou assim; tenho horas de chorar, e estas são as que mais rendem, mas também as tenho de rir.

Uma coisinha de que eu muito gosto é do dinheiro; dinheiro à frente. Os da América do Norte mandam dólares. Os do Sul, cruzeiros. Os do Centro, cada qual na sua moeda.

Outras nações, na mesma; tudo vai cair no balcão do Candado. Eu tenho de ter muito juizinho para não ceder a certos negócios... Tenho de ter muito juizinho. Ontem foi o dia em que eu levei uma grande apertadela e tem havido outros em que as tenho levado mais pequenas. Ainda ninguém subiu acima dos cincuenta, mas já tenho tido ofertas de cinquenta deles. Tenho de ter muito juizinho porque a verdade é que outros mais inteligentes do que eu têm caído. Vamos prós cincuenta mil.

### Nota da Quinzena

Noutro dia foi-me preciso ir ao quartel de Infantaria 6, à Senhora da Hora, tratar de um assunto. Já muito que eu por ali passava e via dentro dos muros obras do quartel, mas nunca tinha entrado lá dentro. O Júlio foi comigo. O Another também. Fomos à Messe dos oficiais. Enquanto esperava, lancei os meus olhos pelo aglomerado e logo ali me propus fazer tudo quanto em mim está para que os nossos rapazes sirvam aquela arma e por ela, a Pátria. Dá gosto ser português ao ver e ao sentir como vão ficando para trás as paredes sujas dos velhos conventos que faziam de quartel. Ninguém lucrava com aquilo. Ninguém pode adaptar o convento arruinados em atraíçoar. Quando me deram este do Paço de Sousa, foi para que se adaptasse a um asilo. Eu recebi o projecto; um formoso projecto que custou muito dinheiro. Pois bem. A primeira coisa que eu fiz foi rasgarlo em bocadinhos e nunca me arrependi. Sinto ter prestado com isto um grande benefício à Nação.

O quartel de Infantaria 6! Eu hei-de tornar ali e pedir ao Oficial de dia que me deixe ver e respirar. Na minha companhia hei-de levar alguns dos nossos que já se encontram apuados para todo o serviço militar. Também eles não-de ali respirar. Aonde houver muito sol, muitas flores e muitas árvores; com avenidas rascadas e tapetes de relva e formosas habitações; num quartel que seja feito



## PELAS CASAS DO GAIATO

**PAÇO DE SOUSA** No domingo passado, o nosso grupo de futebol deslocou-se a Castelo de Paiva para, como estava combinado, fazer um jogo amigável com o grupo da terra. Na mesma camionete foi também um grupo de aero-riders daqueles que nunca torcem. Os da terra estavam todos fiados que nos iam ganhar, porque viam que alguns dos nossos eram tam pequenitos. A assistência era quase toda desfavorável. Logo de entrada começaram a meter-se com a nossa assistência, que sem eles saberem não era para brincadeiras...

O jogo começou às 4 horas. A nossa grande equipa alinhou: Bárto; Constantino, Sérgio e Manuel; Durães e Prata; Jacinto, Armando, Carlos, Gari e Santa. A equipa deles alinhou com homens de bigode e todos fortes e gordinhos. Logo de entrada os Gaiatos tiveram bastantes oportunidades de furar as balizas adversárias. No entanto os primeiros a marcar foram os da terra. O nosso Grupo contudo não esmoreceu, e num contra ataque conseguiu o empate. Canto marcado por Gari, saltando vários jogadores à bola. Carlos salta mais do que os outros e de cabeça mete a bola dentro da baliza. Com este golo a nossa assistência comece a fazer um barulho tal, que os da terra até nos queriam arreiar... O jogo, no entanto, ia prosseguindo com domínio absoluto dos nossos. Os castelenses até andavam doidos por quase nunca tocarem na bola. Novo canto marcado por Gari. Prata num acrobático salto consegue, numa fulgurante entrada, meter a bola nas redes. Este golo foi formidável. A nossa assistência (porque mais ninguém acudia pela gente) comece a aplaudir entusiasticamente o nosso querido Grupo. Um parolo de aero-riders que estava, agarrou na moca e queria descançar um dos nossos, mas ele fugiu-lhe. Os Gaiatos continuam a dominar. Há agora uma grande jogada. Bárto depois de defender a bola, põe-na nos pés de Sérgio. Este passa para Prata que finta 3 adversários e a manda para Jacinto. Este recolhe o centro e manda para Carlos, que depois de driblar toda a defesa, consegue driblar o próprio guarda-redes e entrar com a bola pela baliza dentro. Os Gaiatos até pareciam os argentinos. Agora é que começou o delírio. A nossa assistência entra pelo campo dentro a gritar. Os da terra até ferviam, por verem uns rapazitos a gozar homens de bigode. Um jogador todo aero-riders virou-se para o Santa e disse-lhe que se ele tornasse a andar a rabanar com a bola ao pé dele, lhe partia as pernas... Depois de 10 minutos de descanso os grupos voltaram ao terreno. Os Gaiatos puseram-se à defesa porque os castelenses já não andavam atrás da bola, mas sim, atrás das canetas dos nossos jogadores... Calhou então à nossa defesa de se portar a grande altura, principalmente Sérgio, Prata e Durães que tiveram trabalho de grande relevo. O jogo não foi até ao fim, porque o árbitro andava farto de nos comilar, e então um dos nossos que tinha apanhado uma canelada, sem sequer o árbitro marcar castigo, agarrou na bola e atirou-a para fora do campo. A assistência pôs-se toda à frente dos balneários e começou a arrejar nos que quiseram entrar... Por fim lá conseguiram entrar. Terminou assim este desafio com a vitória a nosso favor por 3-2. Resta dizer que nos prometeram pagar a camionete, mas ainda não veio nada...

Portanto para futebol em Castelo de Paiva, nunca mais, pois os jogadores são uns selvagens.

Têm nos visitado à semana muitas excursões de escolas e colégios. São rapazes e raparigas e senhoras e tudo, que vêm ver a Nossa Aldeia.

Todos os senhores que nos queiram visitar, devem preferir sempre a semana. Assim vêm tudo a cuidar da sua obrigação; desde o mais pequenino que anda a acarretar fitas para acender o fogão, ao maior que já tem a sua responsabilidade. Mas como muitos não podem vir à semana, vêm ao domingo. Neste último, estiveram cá umas poucas excursões, contando-se para cima de 50 camionetas, não contando os automóveis que eram um ror deles. Eram os excursionistas do Grupo dos Tripeiros que como os mais anos, nos têm visitado, não se esquecendo cada um, de deixar um pouco do seu pouco. Esteve também cá uma excursão dos Bombeiros Voluntários do Porto, que também se não esqueceram de nós. Estiveram também os excursionistas do Grupo do Taralhão. Este grupo vinha disposto a jogar com a gente, mas como fomos jogar a Castelo de Paiva, tiveram de jogar com o Grupo de Paço de Sousa. No fim as coisas não correram lá muito bem...

Esta semana tem sido um entusiasmo na Nossa Aldeia, fora do vulgar. É o Campeonato do Mundo. À noite na Biblioteca tudo se reúne para ouvir o relato de Portugal. Então quando Portugal mete golo é o fim do mundo! Saltam por cima das mesas a gritar. Derrubam bancos. Pintam o diabo! O último jogo Portugal - Espanha, causou-nos uma deceção. Estivemos a contar com a vitória para nós e saíu o contrário. Mas paciência, porque não pode ser sempre. Embora perdendo, Portugal mostrou ser uma grande equipa. Em nome de todos os gaiatos enviamos aos Ex-Campeões do Mundo, um muito obrigado pelo seu bom comportamento.

A nossa biblioteca está muito abaixo de forma, em questão de livros. É a gente que tanto gosta de ler, e sem ter com quê. Os que cá temos já foram lidos e relidos.

Os senhores se tiverem alguns em casa que já

não precisem, podem mandar, que a gente muito agradece. E aqui fica o pedido.

Já nos trouxeram mais um casal de pombos correios. São ainda borachinhos mas já voam. Já fugiram por duas vezes, mas depois, passado tempo, tornaram a vir. Quem os deu foi um Senhor de Gondomar que veio com a excursão do Taralhão, que nos visitou no domingo. Esperamos mais.

Estimados leitores, vamos agora dar uma alegre notícia. É que nasceu mais um tourinho. Foi na noite do dia 29. O Sérgio veio logo dizer ao Pai Américo e passado tempo já tudo sabia que tinha nascido um tourinho. À hora do recreio foram quase todos ver o recém-nascido, que era muito bonito. A vaca depois de ter dado à luz o tourinho ficou muito afliita. Foi-se chamar o veterinário, conseguiu que a vaca ficasse boa de todo. A vaca agora anda muito contente com o seu filho. Só deixa que o Sérgio lhe faça festas, porque já o conhece. Os outros que lhe quiserem fazer festas estão arriscados a comer uma marrada da mãe.

FERNANDO MARQUES

**COIMBRA** Mais 80\$00 vindos de Lisboa. 10\$ de uma criada de servir para a nossa pobre da Estação Velha.

Vieram há dias três meninas da JUC que se ofereceram para internar na Casa dos Pobres a pobre da Estação Velha.

Os nossos pobres da Estação Velha vão ficar privados das suas humildes barracas, devido ao prolongamento da Av. Fernão de Magalhães. Achamos bem que se prolongue a referida Avenida, mas não achamos bem que esses pobres fiquem privados de uma barraca, não naquele sítio mas noutra. E por serem pobres? Talvez! Julgamos que a Câmara não perderia nada em mandar construir uma barraca semelhante àquela. Pois há mais motivo de ajudarem esses, porque estão sempre à espera que alguém os ajude.

Queremos agradecer à Direcção do União por nos terem facilitado a entrada naquele recinto de jogos para presenciarmos os encontros que ali se realizaram durante esta época.

No domingo, 3 de Junho, jogamos contra os alunos do 6.º ano do Liceu de D. João III. Estes que haviam perdido em Miranda do Corvo por 5-2 ganharam deste vez por 4-2. Resultado este que foi alcançado à custa de muita sorte. Os estudantes apresentaram-se com uma equipa muito superior àquela que levaram a Miranda. Apenas apresentaram cinco elementos que jogaram em Miranda. O jogo foi agradável, mas com algumas entradas violentas aos nossos jogadores. O árbitro que apareceu à meia hora, nunca devia ter arbitrado este encontro.

Jogo no Campo do Loretto às 12 horas.

**GAIATOS:** Zé Eduardo; Alfredo, C. Alberto e José Maria; Adélio e Setúbal; C. Poiares, P. José, Buchi, Afonso e Monarca.

**ESTUDANTES:** M. Matos; Coelho, Fuinhas e José Maria; Albuquerque e Nunes; Veiga, Simões, Abrantes, Silvio e Angelo.

Na primeira parte perdemos por 3-0. José Maria provocou um penalty que Silvio mandou para fora.

Na segunda parte, Zé Eduardo deu o lugar a José Maria em virtude deste estar maguado. Houve também modificações nos grupos. Golos da autoria de Simões (2) e Abrantes (2) pelos vencedores e Zé Eduardo e Alfredo pelos vencidos. O nosso grupo nesta segunda parte dominou por completo o adversário, que conseguiu obter o último golo devido a uma cargo de Veiga a Afonso e que o árbitro não assinalou. Apesar de perdermos, alcançamos um honroso resultado pois a equipa que nos bateu era muito superior à nossa.

JOSÉ MARIA FERNANDES

**MIRANDA DO CORVO** Há dias demos mais um passeio que muito nos agradou. Desta vez fomos até Lelvaz. Saimos pelas três horas em direção à casa do sacristão da vila para levarmos a merenda que lhe tinha sido entregue pelos senhores da Câmara para se distribuir por nós em recompensa da missa que cantamos por alma do Sr. Marechal Carmona.

Chegamos e logo encontramos uma sombra muito fresquinha e perto se encontrava também uma fonte. Esperávamos que todos se juntassem para merendar.

Estava tudo junto só faltavam dois que calhou logo o Zé Cartaxo o que trazia a marmelada e o Fernando Pedro. Por fim chegou o Zé Cartaxo mas o outro é que não tinha uma criadela e ficou se para trás perdido dos outros. O Sr. Joaquim começou então a distribuir a merenda: era pão, marmelada da boa e fina, tremoços e vinho. Depois fomos até à povoação aonde assistimos à devoção do encerramento do mês de Maria. Quando regressamos viemos pelo caminho de ferro muito à pressa para encontrarmos o nosso companheiro que se tinha perdido. Depois lá se encontrou pelo esforço feito pelo Victor.

Temos agora já mais abelhas do que antigamente; já há três colmeias novas e uma já mais antiga; tivemos de as comprar com o nosso rico dinheirinho porque as que tínhamos não valiam nada. Agora já está tudo a funcionar cá como a gente quer, mas aquilo que temos não é nada

para nós; se houvesse uma pessoa carinhosa que se lembrasse de nós, pois que temos alguns cortiços vagos! A situação é muito boa e linda; talvez se resolva fazer um jardim em volta. Também há dias o nosso Lamadona apanhou duas valentes ferruados que ficou com o lábio à banda que depois lhe mudou para ambas as vistas de maneira a não ver nada, e a cara parecia uma abóbora, e o Rato também se viu já afliito gritando há a tanta abelhinha mesta à minha volta...

Recebemos há dias do Brasil uma lata de rebuçados, algumas roupas já usadas e por usar, também alguns sapatos, e para os nossos batais vários brinquedos que ficaram muito radiantes mas o mais certo é que não tarda que estes estragados porque eles não têm cuidado nenhum, a não ser ao princípio, de resto nem quinze dias duram. Se os senhores de tão longe não se esquecem de nós, também muito mais não se hão-de esquecer os senhores de cá de perto, por isso ficamos muito agradecidos aos senhores do Brasil que fizeram a fineza de nos ajudar.

CARLOS MANUEL TRINDADE

## Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Hoje temos em mãos uma carta duma Maria de S. João da Pesqueira. Trata-nos por queridos irmãos e ao resto 5\$00 para a Conferência e desculpa a insignificância. Muitas e muitas aqui se recebem assim; a fervor e a alumiar. O mundo quer ser melhor; sim, amar mais os Pobres. Eu gosto destas cartas. Eu medito estas cartas. E digo para comigo: é possível um mundo melhor? É possível. Nós é que somos fracos, fraquinhos.

De Viana do Castelo 50\$00. Como a Caridade une os corações! De todos os lados, de todas as bandas, vêm coisas para ajudar a mitigar a fome, a seres semelhantes, que quantas vezes, nem um simples caldo têm para entreter o estômago. É triste dizer. Mais triste é ouvi-los...

O Senhor Joaquim da Régua também quis comungar connosco, nesta cruzada. Mandou 10\$00. Senhores da Régua, acordem; nós queremos que outros digam que sim...

O Porto é que nunca falha. Agora são 50\$00. De facto o Porto é capaz de se contentar com as tripas, havendo necessidade de dar a outros a carne limpa. A propósito da Invicta; fui ao Barredo. Aquela escarpa ingreme, nauseabunda e envelhecida; ao cano de exerto da miséria citadina. Como custa peregrinar por aquelas bandas!... Eu quase não posso. É o cheiro. Aquele hálito que nós não andamos acostumados a respirar. Mas meu Deus, o mundo consente que seres humanos vivam assim!... Pobre humanidade! Os tísicos, é raro o cubículo que não haja um, e por isso, aquelas casas, são uma das causas de morte daquele povo humilde. Vêm os sãos e contaminam-se com o bacio que ali reina. Isto é certo.

Em suma; de tudo o que vi e ouvi muito me deu para meditar. As visitas ao Barredo dão sempre para meditação. Mas uma verdade é esta: o pobre é sempre generoso e vai sofrendo até lhe chegar a justiça.

J. M.

(Continuação da página anterior)

Chegado ao ponto das dores, de que todos compartilhamos, eu olhei e lá estava ele. Um pequenino sem pais a dormitar e a fazer do regaço dum padre o seio da mãe! Eu vi. Eu senti. Eu amei mais do que nunca o Padre Adriano e saboreei as amarguras daquela hora.

Chancaché fez hoje anos. Chegou de levar o leite à sua pobre e trazia consigo, dentro dum saquinho, uma regueifa de Valongo que ela lhe ofereceu. Quis que eu a visse. Estavam ali muitos colegas, que também vieram. Chancaché declarou que tem mais dez prémios a receber e começa a desfilar nomes. O seu nome também está na lista. Ora isto não tem valor nenhum. Eu disse ao rapaz que as coisas e as prendas só têm valor quando dadas do coração.

Ao pé, estava o Bernadino e disse-me que também fazia anos. Volta e meia, aparece um no meu escritório a dizer a mesma coisa. Pequenos e grandes, nenhum se esquece. Estes rapazes têm todos muito boa memória...

Lar dos humildes e dos desventurados.

Senhores leitores do «Famoso» é preciso irmos à frente, as casas que estão levantadas de nada chegam. São precisas mais, muitas mais casas para pobres.

Algumas das casas ficam perto da nossa aldeia, se alguns dos senhores visitantes desejarem ver para crer como o apóstolo S. Tomé, podem fazê-lo, informando-se na aldeia.

MANUEL AUGUSTO PINTO